



SORJ, Bernardo. *Vai embora da casa de teus pais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 222p.

Da feira à academia, uma vida

Regina Igel*

Respondendo ao Gênesis XII, à epígrafe à narrativa – “... vai-te (para ti mesmo) de tua terra, de teu ambiente natal e da casa de teu pai...” –, o autor se foi, da casa do seu pai, no Uruguai, onde nasceu, para uma vida de peregrinação entre o Uruguai, Israel e a Europa para se estabelecer, ao fim, no Brasil.

O relato, em primeira pessoa, descreve as origens, as viagens, os estudos do autor que, à altura desta escrita, é diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e também professor titular de sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu périplo pelo mundo não é contado como simples descrição de alguém entrando ou saindo de um país, mas sim como uma visão maior do contexto social e político onde suas viagens e estadas se inseriram e suas reflexões amadureceram. Mais ainda: seus esforços em se manter politicamente coerente com seus valores, suas amizades e suas inimizades, tudo o que veio a constituir episódios de relatividade histórica e também pessoal está incluído nesta autobiografia.

Cada um dos nove capítulos está intitulado de acordo com o nome do país, da cidade ou região nele descrito. No primeiro, “Regensburg-Alemanha”, Sorj comenta um acidente que sofreu naquele país em 1968, quando a caminho para Israel, como mochileiro. Teve de passar por cirurgias e internação num hospital alemão. Com apenas 19 anos, o autor já tinha plena consciência do paradoxal fenômeno de, como judeu, ser tratado num hospital germânico. É este o tom que se encontra no decorrer da narrativa: um acidente ou um incidente desencadeia uma série de reflexões, em que o autor relata sua própria experiência e a insere num quadro histórico, político e social. Desta vez, não foi diferente: ele acompanha os cuidados médicos dos alemães em contraste aos horrores da guerra, ponderando os dois momentos, o antes e o “agora” da história daquele país, relacionando-os aos truncamentos de vidas judaicas não



tão longe no tempo e menos ainda no espaço territorial, feitos por uma geração anterior: “Para mim, o país era sinônimo de Holocausto e de nazismo”. E, nisto, lembra-se também do seu pai, sobrevivente da guerra, que tinha, no único filho, a esperança de continuidade.

Montevideú

A obra não é linear, pois começa com o acidente ocorrido na Alemanha e retorna para o começo da viagem, quando ele cruzava a fronteira do Uruguai para o Brasil, de onde partiria para Israel. Atravessou nosso país durante a ditadura, o que lhe ocasionou um interrogatório típico daquele então – perguntaram-lhe de onde vinha o dinheiro que carregava, se de Moscou ou de Pequim, o que ele queria fazer no Brasil, e por aí afora. O capítulo intitulado “IMI” (Irgun Maguen Yehuda – Organização Escudo da Judeia) relata a fundação de um grupo sionista no Rio de Janeiro, com o intuito de ir ajudar Israel, mas com uma coloração não partidária – embora guardasse resquícios de um certo socialismo. É neste capítulo também que se revela o perfil da comunidade judaica de São Paulo, do Rio de Janeiro e também de Montevideú, onde moravam seus pais, vivendo uma pobreza profunda. Ainda menino, o autor se instalou numa feira, onde vendia linhas de costura num canto da barraca de um tio. Desta ocupação foi para outra, como office boy de uma firma, e com o salário, entregue aos pais, amenizava um pouco a penúria em que vivia a família. Em Montevideú também moravam judeus ricos, e muitos integrantes do movimento pertenciam à camada mais privilegiada da comunidade. Foi esta disparidade que levou o jovem Sorj a aproximar-se da vida política estudantil, então dominada por um partido comunista. Ao saberem que o filho estava se tornando comunista, as reações dos pais não se fizeram esperar, como descritas com certo teor humorístico: “Minha mãe me pediu que passasse antes pela farmácia para comprar um remédio para o coração de meu pai, pois seguramente infartaria. Meu pai completou dizendo que o melhor seria que, no domingo, eu fosse diretamente a Chebre Kadishe (instituição responsável pela organização dos enterros), pois ambos já não estariam vivos quando eu voltasse”. Tal tonalidade jocosa está inclusa em várias passagens de sua história, sutilmente em muitas delas.



O Uruguai é visto como um país que lhe deu oportunidades de crescimento e de segurança, ainda que sua família vivesse “num bairro montevideano de classe média baixa” (capítulo “Montevideú”). No seu país natal, Sorj teve uma vivência sem maiores percalços por ser judeu, pela atmosfera secularista em que viviam (governo laico, trocou-se o nome de Semana Santa por Semana do Turismo, e o Natal passou a ser chamado de Dia da Família. Da parte positiva do país, exaltando o sistema educacional do seu tempo (“excelente”), bem como a boa distribuição do acervo cultural do povo, o autor revela as áreas que menos favoreceram o desenvolvimento do Uruguai de então, como o caráter “de desconfiança em relação a pessoas inovadoras e ambiciosas”. A entrada de imigrantes perturbou os meios conservadores, engendrando piadas tanto contra os “galegos” como contra os judeus. Às pilhérias, muitas vezes se associavam padrões agressivos de antissemitismo, dos quais o autor não foi poupado: ora ele era responsabilizado por ter matado Jesus, ora era hostilizado por não ser *criollo*, isto é, uruguaio “puro”, ou era imprensado para decidir, numa hipotética guerra entre o Uruguai e Israel, para qual lado torceria...

Brasilidade e sionismo

Depois de sair da casa dos pais, Sorj passou a conhecer outro mundo, longe das imposições da comunidade e de outros fatores com os quais não sentia compatibilidade. Reingressado no movimento sionista IMI, esteve em algumas cidades brasileiras e, finalmente, chegou ao seu destino daquele momento: Haifa, Israel, depois de ter passado pelo acidente na Alemanha. No capítulo encabeçado pelo nome da cidade e da fazenda coletiva para onde foi enviado (Kibutz Eilon), o jovem Sorj conheceu uma estimulante e intensa passagem na sua vida. Eram as diversas oportunidades de estudos e de vários setores políticos que se abriam para ele em território israelense, onde observou as lutas internas, os ciúmes entre os líderes, as competições um tanto inúteis ou fracassadas entre os diversos valores partidários. Do kibutz, foi para a Universidade de Haifa, onde encontrou pessoas do mundo inteiro. Ele faz um relato cru de Israel ao tempo da sua chegada (final da década de 1960), quando problemas com palestinos e países vizinhos transformaram “o espectro político”, e muitas mudanças tiveram lugar. Isto levou o país idealizado pelos membros do grupo IMI a um choque cultural inesperado. Ele ressalta também que “a diversidade de origens culturais dos emigrantes sobre a qual se



construiu a sociedade israelense é possivelmente sua maior riqueza”, evidenciando os aspectos positivos e negativos (“calcanhar de Aquiles”) de tal mosaico cultural. O autor discorre sobre estes aspectos da vida israelense já entrando pela década de 70, quando se casou com uma moça brasileira (que, como ele, é catedrática na mesma universidade), e se aproximou dos colegas universitários árabes, para sua alegria e também desilusão, ao ouvir (e não esquecer) o que lhe disse um deles: “Boruch, para nós, todas as mulheres israelenses, inclusive as de vocês, agem como putas”.

O capítulo “IESH” (*iesh*, em hebraico, é a terceira pessoa do singular presente do verbo haver: há) faz-se fundamental para a compreensão das divisões políticas israelenses. Neles se abrem todas as relações entre partidos, suas divisões, contradições, disparidades, coerências e incoerências. Não tendo estrutura linear, o capítulo “Comercio 2490” faz um retorno a Montevideú, mostrando como o autor convivia com os pais, tios e primos numa mesma casa, em descrição sem meias palavras: “A vida em minha casa era dominada por discussões que terminavam em gritos ... Uma das razões e causas das brigas era a visão extremamente pessimista e cheia de temores sobre o futuro”.

No último capítulo, “Bessarábia”, Sorj faz uma autoanálise sobre os propósitos de sua escrita, iniciada por incentivo de seu pai e por querer deixar um legado a seus descendentes (“devia isso ao meu filho”). Mas vai além, ao declarar que “eu precisava escrever, não tanto por ele ou por meu filho, mas por mim, pois o passado nos deixa um pouco mais em paz quando somos capazes de observá-lo, até certo ponto, com certo distanciamento”.

E é assim que este livro, muito bem escrito, chega a nos expor não apenas a vida de um homem que se propôs aventuras pessoais e sociais construtivas, mas também um quadro social e histórico que o envolveram em mais de uma dimensão. Recomendo esta obra a todos, sem exceção, pois nos conta o que é viver na Diáspora (no caso, na América do Sul), o que é entrar numa Alemanha depois da guerra, ficar ferido e nela ser tratado, como também o que foi ingressar e se amoldar a um Israel que se mostrou um país diferente e nunca esquecido, mesmo por aqueles que, como o autor, de lá saíram. No caso de Bernardo Sorj, que veio para o Brasil e aqui solidificou sua carreira e constituiu família, o fez em base sólida e harmoniosa com seus valores. Dentro da



brasilidade adotada, se abraça ao sionismo, sem rodeios nem temores, como aprendeu na sua trajetória depois de ter saído da casa dos pais.

* Resenha publicada anteriormente em *Boletim ASA* (Associação Sholem Aleichem), n. 150, ano 26, set.-out. 2014.

** **Regina Igel** é professora titular e coordenadora do Programa de Português da University of Maryland, College Park (EUA).